

Alienação a auto-imolação em *A morte de Ivan Ilitch*

Resumo: Este trabalho discute a questão da morte, na novela de Tolstói, tendo como enfoque teórico o conceito de reificação.

Palavras-chave: ficção russa, morte, sociologia.

Abstract: This work discusses the question of death in Tolstoy's novella, with a theoretical focus on the concept of reification.

Keywords: Russian fiction, death, sociology.

O tema da morte aparece com frequência na obra de Tolstói, e constantemente está ligado à alienação do indivíduo traduzida na perda de si mesmo, de sua essencialidade humana, como decorrência de sua inserção no sistema de relações sociais de posse, poder e função burocrática. Iniciado em 1860 com o conto *Kholstomiér*, sintomaticamente reelaborado em 1885, isto é, um ano antes da escrita de *A morte de Ivan Ilitch*, agora o tema assume dimensões filosóficas mais amplas e profundas e um sentido trágico mais definido que nas obras anteriores de Tolstói. Este achava que só devemos refletir sobre a morte quando temos em vista a vida em sua essência, porquanto essa ou aquela atitude do homem em face da morte define a qualidade de sua vida e a possibilidade de encontrar um sentido para ela.

As relações intraburocráticas

Tolstói já inicia a novela introduzindo o leitor no ciclo da morte de Ivan Ilitch, com um dado sintomático: a despeito do elevado cargo exercido por Ivan Ilitch no Ministério da Justiça, seus colegas de Corte de Justiça tomam conhecimento de sua morte através de um jornal. Este dado é sumamente relevante, pois traduz com perfeição o sistema de relações afetivas e sociais que impera naquela repartição pública: a surpresa de que são tomados os colegas revela a fria indiferença burocrática pelo destino do colega durante sua prolongada doença.

Segundo Aaron Guriêvitch, “a morte é um dos parâmetros radicais da consciência coletiva” (Guriêvitch, 2003, p. 216). A reação dos colegas à morte de Ivan Ilitch revela total ausência de afetividade e define muito bem sua consciência coletiva: em vez do sentimento natural de perda de um ser humano, e ainda mais colega de quem, segundo o narrador, “todos gostavam”, todos, porém, e sem exceção, começam a pensar em como a subida de um deles ao posto antes ocupado pelo morto provocará promoções em cascata que beneficiarão cada um e trarão como consequente melhoria dos vencimentos. Nenhum apego à vida do outro, a morte de um burocrata é mero deslocamento de uma peça no mórbido xadrez da burocracia. Um dos burocratas chega até a pensar em transferir do interior para a capital um cunhado, irmão de sua mulher, para deixá-la contente e evitar que continue a acusá-lo de nunca ter feito nada pelos familiares dela. A essa banalização das relações humanas no ambiente de trabalho somam-se, como diz o narrador, um sentimento de alegria em cada um dos colegas, “porque morreu ele, e não eu”, e a queixa dos conhecidos mais íntimos por terem de cumprir a chatíssima obrigação de assistir às cerimônias fúnebres e fazer uma visita de condolências à viúva, que, para o desânimo e o aborrecimento deles, mora muito longe. Em pleno velório, os colegas de Ivan Ilitch, inclusive Piotr Ivánovitch, seu ex-colega de curso de direito, se fazem presentes mas não estão ali, seus pensamentos os deslocam para a mesa de jogo, eles piscam uns para os outros para lembrar o jogo, decidem que esse “incidente” não pode impedir que eles passem uma noite agradável à mesa do carteadado. Piotr Ivánovitch acha que o ocorrido com Ivan Ilitch foi uma aventura exclusiva deste, portanto, totalmente estranha a ele. Por isso, os colegas não têm razão para cair em desânimo. Que se dane o morto! E realmente terminam a noite à mesa do carteadado, exceto Piotr Ivánovitch, que a viúva retém com a finalidade de que ele, como “amigo” do morto e conhecedor profundo da burocracia, indique-lhe a maneira apropriada de arrancar o máximo de dinheiro do erário. Como ele lhe diz que além daquilo a que ela tem direito é impossível, ela o dispensa. O corpo do marido está sendo velado, e na sala contígua a mulher trata de extorquir o erário, e assim o autor põe a família de Ivan Ilitch no mesmo sistema de consciência coletiva de seus colegas burocratas. Família e burocracia, juntas, fazem parte de um mesmo sistema de valores, do mesmo ciclo da morte no qual Ivan Ilitch imolou-se em vida, o que nos lembra a opinião de Phillipe Ariès e Pierre Chaunu, para os quais “a relação com a morte é uma es-

pécie de padrão, de indicador do caráter de uma civilização” (Apud Guriêvitch, *ibidem*.).

Ivan Ilitch é objeto e também sujeito desse tipo de civilização, na medida em que lhe dá continuidade e reduplica em sua prática forense a ideologia que a sedimenta. Herda-a do pai, burocrata de carreira, “membro inútil de instituições inúteis”, que, não obstante, termina a carreira em posto elevado e de altos vencimentos como peça de uma engrenagem burocrática que mantém e promove gente inútil, porém dócil a todos os mandos e desmandos que vêm de cima e principalmente dotado de um faro de cão para sondar ossos que cheirem a vantagem no quintal da burocracia. Graças a isso e apesar de sua inutilidade, o pai consegue cavar para Ivan Ilitch o posto de funcionário especial do governador de uma província, de onde começará sua carreira. Isto faz dele um continuador do mesmo sistema burocrático herdado do pai e imune às vicissitudes do tempo que parece estagnado, pois a história de vida do pai está organicamente ligada em um *continuum* à do filho, que não sofre nenhuma evolução no sentido humano e termina a carreira com vencimentos e posição no estamento burocrático idênticos aos do pai, reduplicando os mesmos valores e o mesmo caráter de civilização referido por Ariès e Chaunu.

Ao contrário do pai, descrito pelo narrador como um burocrata cinzento, Ivan Ilitch é homem de talento. Já no início de sua trajetória revela ricos pendores para as diversas funções e o convívio no ambiente de sua futura carreira, uma postura simpática e digna perante superiores e inferiores, firmeza e honestidade no cumprimento de suas atribuições. Apesar de jovem e do temperamento alegre, no exercício das funções é extremamente contido, formal e até severo, e em suas relações funcionais é obsequioso com seu superior e até com a mulher deste, mas faz tudo como manda o figurino da vida burocrática, dentro das formalidades da alta sociedade e com a aprovação de seus superiores. A essa adaptabilidade de Ivan Ilitch a todas as vicissitudes da burocracia soma-se um lema que ele assume como sua verdadeira filosofia da existência: “a vida deve transcorrer de forma leve, agradável e decente”, ou seja, viver é evitar problemas, episódios ou impressões desagradáveis, angústias, aflições, sofrimentos e nunca pensar na morte. Tudo isso decorre da posição que a partir de certa altura da narrativa ele passa a ocupar na sociedade, da função elevada e prestigiosa que exerce, das relações que mantém com representantes do topo da hierarquia social e burocrática.

A alienação e auto-imolação

A alienação, como a entende Marx, é um processo em que a atividade do homem e seus resultados se transformam objetivamente em força autônoma, naquela “força universal da realidade”, de que fala Hegel em *A fenomenologia do espírito*. Trata-se de um processo que exerce sobre o indivíduo um domínio invisível, é hostil aos seus desígnios humanos naturais, e sob seu efeito o homem passa de sujeito ativo a objeto do processo social. Para pôr em prática seu lema, sua filosofia de vida, Ivan Ilitch tem de enfronhar-se na vida burocrática, aceitar e até bancar o jogo ali jogado e impregnar-se de seu espírito como peça de uma engrenagem imensa e impessoal, identificar-se com a função e diluir-se voluntariamente na estrutura do sistema jurídico. Essa diluição é de tal intensidade que até a família se torna um estorvo para sua carreira. Constituíra família como prolongamento do mesmo sistema burocrático, mas, na medida em que ascende no sistema e nele entranha seu desempenho, o sistema vai se convertendo em sua prioridade absoluta, fonte principal de seu prazer e de suas realizações, e a família se torna primeiro secundária, depois um estorvo a esse desempenho, e ele passa a sentir necessidade de afastar-se cada vez mais dela, e quando é forçado a conviver com ela procura fazê-lo na presença de estranhos. Nada mais lhe interessa a não ser a função:

“O principal – diz o narrador – é que Ivan Ilitch tinha o serviço. No mundo burocrático concentrava-se para ele todo o interesse de sua vida. E esse interesse o devorou” (Tolstói, 1974, p.102).

Vê-se, pois, que nosso herói descarrega toda a carga de sua afetividade no exercício frio de analisar e assinar papéis, dar audiências e tomar decisões sempre emanadas da letra fria da lei, e isso constitui todo o interesse de sua vida. Ele traz em sua formação sistêmica, desde os tempos de estudante de direito, os elementos de sua personalidade que se revelarão ideais ao cumprimento das funções que vai assumindo ao longo da vida. Cumpre a rigor o que considera seu dever, e para ele esse dever é aquilo que uma cúpula da burocracia indefinida e impessoal – “pessoas situadas no topo” – considera dever de seus subordinados. Sem aparecer como servil no estrito senso do termo, ele, porém, levado pelo zelo religioso com que cumpre suas funções burocráticas, sente-se atraído pelas pessoas situadas no topo da hierarquia não só burocrática mas também social, assume seus métodos, suas concepções de vida e com elas estabelece relações de amizade. Seu eu antigo, todas as paixões de sua infância e sua

mocidade se diluíram sem deixar maiores vestígios, sua sensibilidade desce ao nível zoomórfico e, como a “mosca que procura a luz”, segundo palavras do narrador, ele sente atração instintiva por aquele mundo do alto. Anula-se como persona, assume o outro socialmente desejado e, deixando-se levar pela sensibilidade, pela vaidade e pelo “liberalismo” de salão desse outro, extingue-se como individualidade e esteriliza-se como agente de sua própria vontade. Desde os tempos de estudante de direito carrega um estereótipo que o acompanha na execução da justiça: naqueles tempos, cometia atos que antes considerava grandes obscenidades e o deixariam com nojo de si mesmo, mas ao saber que a cúpula da justiça e figuras das altas rodas sociais os cometem e não os consideram maus, relega-os ao esquecimento sem nenhum remorso. Portanto, no jovem estudante já habitava o burocrata da maturidade.

Tudo para ele gira sempre em torno do trabalho, do cargo, da função que vai assumindo ao longo da carreira. Coisa muito semelhante ao que Herbert Marcuse chama de princípio do desempenho ou trabalho alienado: “é um trabalho para uma engrenagem que ele não controla, que funciona como um poder independente a que os indivíduos têm de submeter-se se querem viver. E torna-se tanto mais estranho quanto mais especializada se torna a divisão do trabalho. Os homens não vivem sua própria vida, mas desempenham tão-só funções preestabelecidas... trabalham em *alienação*” (Marcuse, 1978, p. 58).

Nessa divisão do trabalho Ivan Ilitch vai subindo gradualmente de função até atingir o topo da hierarquia, e quanto mais sobe mais estranho se torna a si mesmo, é no exercício da função que dele se desentranha aquela alma simpática e comunicativa com que o encontramos no exercício no início de sua carreira como funcionário de missões especiais do governador. Ali, além de servir bem, diverte-se e passa o tempo de modo agradável, comporta-se com dignidade com superiores ou inferiores, dança, em sociedade é frequentemente brincalhão, espirituoso e sempre bondoso, decente e, segundo seus superiores, *bon enfant*. Contudo, apesar da pouca idade é excessivamente formal e até severo, e tudo o que faz visa sempre à aprovação de pessoas do topo da hierarquia burocrática e social. Dois anos depois de ter servido o governador, vamos encontrá-lo na função de juiz de instrução, e aí a dança para ele já é uma exceção. À medida que sobe a escada burocrática, vai assimilando a alma da burocracia e perdendo a pouca seiva de vida que ainda lhe rega a alma original, diluindo-se no formalismo vazio e desumano do meio jurídico e esterilizando sua

pouca afetividade. Não tem intenção clara de casar-se, mas quando Praskóvia Fiódorovna se apaixona por ele (Note-se: é ela que se apaixona!), ele se pergunta: “De fato, por que não me casar?”. E casa-se, faz algo agradável para si e também porque as pessoas de posições elevadas o consideram correto. A vida conjugal não se associa a afeto, mas a objetos materiais e conforto, e só é suportável enquanto transcorre de modo leve, agradável, alegre e decente, conforme seu lema filosófico, tem a aprovação da sociedade e está presa àquela decência das formas exteriores determinadas pela opinião pública. Como os conflitos com a mulher se intensificam, ele se afasta cada vez mais da família, reage com indiferença à perda de três filhos, refugia-se no trabalho, desviando a “libido para desempenhos” que considera “socialmente úteis” (Marcuse, 1978, p. 58) e encontrando na função burocrática a fonte única e universal de seu prazer e de suas ambições. Esse processo o reduz ao automatismo das formas jurídicas, exerce um efeito narcotizante em seu psiquismo e redundando em seu embevecimento inebriante com o poder e num comportamento narcíseo assim descrito pelo narrador: “A consciência de seu poder, da possibilidade de prejudicar qualquer pessoa que quisesse, a imponência que externava ao entrar no tribunal e nos encontros com os subordinados, seu êxito diante dos superiores e dos subordinados e – o principal – a maestria que experimentava na condução dos assuntos da justiça, tudo isso e mais as conversas com os colegas, os jantares e o jogo de carta alegravam sua vida” (Tolstói, 1974, p. 102).

Essa consciência do próprio poder deforma de tal modo aquele Ivan Ilitch do início da carreira que, em vez de executor imparcial da justiça, transforma-o em agente do arbítrio, levando ao extremo sua desumanização. Assim, sente que qualquer pessoa, seja ela a mais destacada ou independente, está em suas mãos. Basta que ele escreva certas palavras num papel timbrado e essa pessoa importante ou independente será trazida à sua presença como acusada ou testemunha, portar-se-á diante dele e responderá a suas perguntas. Trata-se da internalização da autoridade social, das normas e formalidades do sistema na consciência e também no inconsciente de Ivan Ilitch, ou seja, de um processo que encontra sua síntese na sensação de poder absoluto. Ao mesmo tempo e parafraseando o poeta, trata-se também da transformação do amador na coisa amada pela internalização do eu de Ivan Ilitch no próprio sistema jurídico-burocrático, da diluição total do homem na função, de sua automatização, despersonalização e apagamento, e de tal modo que, segundo informa o narrador, Ivan Ilitch “assimilou com grande rapidez a técnica da atenuação das

questões mais complexas numa forma que excluía completamente sua opinião pessoal” (Tolstói, 1974, p. 98). A consciência do poder redunda na extinção da afetividade de nosso herói e na ilusão de superioridade diante dos demais seres humanos, o que se reflete no tratamento dispensado não só ao réu como também aos simples usuários da justiça. Dominado por um reducionismo que o cega para o resto do mundo, é incapaz de enxergar uma centelha de vida fora da engrenagem burocrática. Daí sua preocupação de afastar tudo o que atrapalhasse o bom andamento do serviço: evitar qualquer tipo de contato que não fosse burocrático, só aceitar motivo burocrático para estabelecer uma relação com alguém, de sorte que, esgotado o motivo burocrático, estava encerrada a relação. E Ivan Ilitch só mantém relações com burocratas: no jogo de cartas, em algum jantar que dá em sua casa seus convidados são sempre burocratas ou gente situada no topo da hierarquia social. Assim, o sistema burocrático, com todas as relações que o envolvem e sedimentam, é sua primeira vida, seu alimento vital, água que lhe sacia a sede, o ar que respira e também a fonte de sua alienação e sua desumanização. “As alegrias do serviço eram alegrias do amor-próprio; as alegrias sociais eram alegrias da vaidade” (Tolstói, 1974, p. 108). Sua despersonalização chegou a tal nível que, fora da função, não mais consegue se encontrar, ser Ivan Ilitch: seu desempenho funcional é o cronômetro de sua vida, a marca de seu tempo alienado, está naquela situação em que, segundo Marcuse, “o homem existe só uma *parcela* de tempo, durante os dias de trabalho, como um instrumento de desempenho alienado” (Marcuse, 1978, p. 59). Tira férias e vai para o campo com a mulher. Mas lá, sem o serviço, “pela primeira vez na vida Ivan Ilitch sentiu não apenas tédio, mas uma insuportável melancolia, e decidiu que não podia viver daquela maneira e que era necessário tomar algumas medidas decisivas” (Tolstói, 1974, p. 103).

A reificação nos objetos

Não se pense, porém, que Ivan Ilitch é só objeto ou vítima do sistema burocrático: é, antes de tudo, produto de uma cultura e uma ideologia que sedimentam esse sistema e têm sido objeto do tratamento sarcástico na literatura russa desde Gógol. Essa cultura ele herda do pai e a entranha em todos os seus atos. Assim, ao concluir o curso de direito e preparar-se para assumir o primeiro emprego, sintomaticamente arranjado pelo pai, vemo-lo assumindo toda a fatuidade do sistema de valores das elites sociais, seu outro socialmente desejado: vestindo-se com roupa da melhor alfaiataria, almoçando com os cole-

gas no restaurante mais famoso, usando mala nova e da moda, caros utensílios de banho e barba e manta, tudo encomendado e comprado nas melhores lojas. Entre esses quesitos há um que define todo o curso posterior de sua trajetória: ele usa no berloque uma medalha com a inscrição *respice finem*, que se pode traduzir como “previsão do fim” e sugere que no Ivan Ilitch principiante da vida burocrática já está o alto funcionário que encerrará a carreira no Ministério da Justiça. Começa assumindo na superfície os hábitos e valores estéticos da classe que detém o sistema econômico e social vigente, para, mais tarde, assumir na prática sua essência ideológica, traduzida na aplicação das leis que regulamentam as relações e o comportamento dos indivíduos e grupos e cujo fim é manter e proteger a estrutura das relações sociais que atende aos interesses daquelas classes. E sem que jamais lhe passe pela cabeça qualquer questionamento.

O culto dos objetos materiais e do conforto integra a mesma cadeia alienante do universo ideológico de Ivan Ilitch. A concepção marxista de alienação tem como um de seus componentes centrais a reificação, expressa na dominação exercida pelos objetos materiais sobre o indivíduo, até torná-lo peça da engrenagem reificante. Aí, as determinações do sujeito se transferem para os objetos e estes passam a exercer sobre ele um poder invisível. É bem verdade que Ivan Ilitch não participa da produção de objetos materiais, base do processo de reificação, mas integra a superestrutura jurídica que dá sustentação ideológica ao sistema de relações econômicas e sociais. E a reificação tanto diz respeito à relação do indivíduo com o trabalho quanto às energias afetivas que ele investe no restante de sua vida. No início da vida matrimonial de Ivan Ilitch, os carinhos da mulher e sua primeira gravidez têm para ele o mesmo peso afetivo-axiológico que o mobiliário novo, a louça nova, o enxoval novo. Quando, após dezessete anos de serviço e ainda promotor, é duas vezes preterido a postos mais elevados e mais bem remunerados, reage pela primeira vez na vida contra colegas, superiores burocráticos e a própria instituição. Às voltas com dívidas decorrentes do modo de vida que seus vencimentos não conseguem bancar, considera-se vítima das maiores e mais cruéis injustiças por receber tais vencimentos, pelos quais a mulher lhe lança em rosto eternos reproches mas que os colegas de igual função consideram normais. Ganha por acaso a almejada promoção para o Ministério da Justiça que lhe dobra os vencimentos, e aí toda a sua antiga ideologia pequeno-burguesa vem à tona: a duplicação dos vencimentos tem um efeito miraculoso, o mundo passa a ser a sua vontade e a representação que ele faz dele, todas as irritações contra

os colegas e o ministério são relegadas ao esquecimento, ele se acha querido e invejado, faz as pazes com a mulher, com quem sempre vivera às turras, e de repente tudo vira um mar de rosas: tudo ao redor é alegre, agradável e decente, e ele está plenamente feliz. Em tudo isso o papel do acaso é enorme: por acaso ganhara a alta promoção, por acaso encontra uma casa ampla e confortável, “como que de propósito ideada para eles” e que sempre fora o *sonho dele e da mulher*, e ele se entrega de corpo e alma à montagem da nova casa, cuida pessoalmente de cada detalhe como papel de parede, tapeçaria etc. Prefere móveis antigos, aos quais atribui um estilo especial: o estilo *comme il faut*, isto é, como manda o figurino, expressão fundamental sempre presente em sua imaginação. Se é verdade que o estilo é o homem, então esse estilo *comme il faut*, aqui associado ao mobiliário antigo, é o figurino conservador que serve de parâmetro para toda a vida de nosso herói. À medida que “seu” desempenho aumenta na montagem da casa, agiganta-se sobre ele a força dos objetos materiais, numa metamorfose gradual em que eles se personificam, ganham vida própria, o real vai dando lugar ao ideal e dominando sua mente a ponto de superar sua capacidade de previsão e levá-lo do mundo material para o mundo ideal, do devaneio, do sonho: “E tudo crescia, crescia, e chegava àquele ideal que ele imaginara para si. Quando chegou à metade da montagem do mobiliário, esta superou suas expectativas... Ao adormecer, ele imaginava o salão na forma como este deveria ficar. Ao olhar para a sala de visitas, ainda não pronta, já enxergava a lareira, o guarda-fogo, a estante, e aquelas cadeirinhas espalhadas, aqueles pratos e pires nas paredes, e os bronzes em seus futuros lugares... Conseguira comprar barato velhos objetos, que davam a tudo um caráter especialmente nobre” (Tolstói, 1974, p. 105). A força reificante dos objetos materiais é tamanha que supera até o apego irrestrito de Ivan Ilitch ao serviço burocrático, sobrepondo-se à nova função. “Nas audiências tinha momentos de alheamento: ficava matutando sobre o tipo de cornija que poria nas cortinas...” Em sua imaginação extasiada, a força dos objetos é tão revivificante que supera até seu tempo vivido, e ele escreve à mulher: “Sinto que estou com uns quinze anos a menos” (Tolstói, 1974, p. 106).

Ivan Ilitch alterna uma alienação com outra: antes a oriunda do trabalho, agora, a que se traduz no gosto pela casa, pelos objetos materiais. No afã alucinado de destacar-se através da casa luxuosa, do mobiliário e dos objetos da decoração, torna-se idêntico aos outros de sua origem e condição social, que reduplicam no mecanismo burocrático e na vida prática o sistema de valores do mundo burguês.

Antes pairava absoluto sobre ele o sistema burocrático, agora são as representações, o gosto e a ideologia do sistema que o dominam. Definitivamente despersonalizado, perde-se na multidão, torna-se mais uma partícula amorfa no cosmo das representações burguesas. Sem ser rico, Ivan Ilitch quer parecer rico, mas só consegue ficar parecido com os não ricos iguais a ele. Com a palavra o narrador:

No fundo, acontecia o mesmo que acontece com todas as pessoas não inteiramente ricas mas que são daqueles que querem se parecer com os ricos e por isso só se parecem umas com as outras” (Ibidem). E acrescenta, depois de enumerar o mobiliário e a decoração da casa de Ivan Ilitch: era “tudo o que certo tipo de pessoas faz para se parecer com todas as pessoas de certa estirpe. E na casa dele tudo era tão parecido que não conseguia sequer chamar a atenção; mas isso lhe parecia algo peculiar (Ibidem).

Em termos objetivos, é essa a grande derrota de Ivan Ilitch: empenhara toda a vida vivida na carreira para assemelhar-se ao outro socialmente desejado, mas consegue tão-somente repetir o caminho de seus semelhantes de carreira e ser igual a eles. Mas ele não o percebe, e em sua subjetividade se sente feliz com as benesses que lhe vêm da nova função. Só um grande abalo poderia despertá-lo desse sonho, e é aí que se dá a grande ironia negra e mordaz: no empenho possessivo de montar a casa, leva um tombo que deflagrará a sua morte, embora os médicos a atribuam a outras causas.

A desreificação na morte

Cabe aqui reiterar as palavras de Tolstói, citadas no início deste trabalho: “essa ou aquela atitude do homem em face da morte define a qualidade de sua vida e a possibilidade de encontrar um sentido para ela”. Entretanto, para que nosso herói encontre esse “sentido”, impõe-se que deixe de coincidir com aquela imagem passiva em que o vemos entrando no sistema e herdando mecanicamente do pai os valores e a ideologia desse sistema. Para tanto, terá de cortar as raízes familiares de sua formação, metonímia da estrutura social dominante, colocar-se fora e acima do sistema de relações culturais e burocrático-deológicas que o reduzira à condição de “coisa”, à mera peça de sua engrenagem, e conquistar sua condição de sujeito consciente da própria vontade. Em suma, terá de desreificar-se.

Ivan Ilitch se vê doente, com um mal incurável, e recorre aos médicos. As atitudes dos médicos em relação a ele são exatamente iguais ao tratamento que ele, como procurador e juiz, dispensava aos réus

e todos os demais usuários da justiça. Comparando-se os dois tratamentos – o dispensado por Ivan Ilitch àqueles réus e usuários da justiça com o tratamento que os médicos lhe dispensam –, impõe-se uma conclusão: a cultura do culto exagerado das formalidades jurídico-burocráticas e das formalidades médicas, com o consequente desprezo pelo ser humano e suas ansiedades, é uma cultura da morte, um sistema de morte. A esse sistema acrescenta-se o tipo de família burguesa que Ivan Ilitch construiu à sua imagem e semelhança, tão indiferente às angústias que o martirizam que a mulher, além de culpá-lo pela doença e irritar-se com ela, só lamenta sua morte porque esta a deixará sem os vencimentos do marido. E ela se junta aos médicos para impedir que Ivan Ilitch tome consciência de seu estado final. As mentiras que ela e os médicos lhe dizem suscitam seu ódio e ofendem sua dignidade porque, forçando-o a participar de uma grande farsa, tentam impedi-lo de chegar à consciência da morte, aceitá-la e preparar-se para ela, além de equipararem o “terrível ato solene de sua morte” ao nível de todas as visitas que a mulher e a filha recebem, às cortinas da casa, ao esturjão servido nos jantares. E assim procedem porque o meio a que ela e os médicos pertencem reduzem a morte “a um acaso desagradável, em parte indecente” (Tolstói, 1974, p. 124), e alegam para isso “aquela mesma “decência” a que ele serviu durante toda a sua vida” (Ibidem). Todos o relegam ao desprezo. O único socorro amigo e desinteressado que ele recebe é o do criado Gerássim, homem do povo, único ser humano real em sua casa e que, por estar fora do sistema, vê a morte com absoluta naturalidade. Só Gerássim preenche a terrível solidão em que ele se encontra. É sintomático que em toda a novela só há um contato de Ivan Ilitch com o filho adolescente: quando o pai está morrendo.

Portanto, a superestrutura jurídico-burocrática, médica e familiar forma uma teia de morte na qual o ser humano é enredado como presa.

Mas, a partir do momento em que toma consciência da morte Ivan Ilitch pensa, pela primeira vez na vida, nos problemas dos outros, passa a uma profunda reflexão filosófica sobre o viver. Começa um processo de desreificação, de desalienação, no qual vai se desenredando daquela teia sinistra e adquirindo uma consciência que o aproxima dos outros seres humanos. A morte o desperta para o real sentido da vida, para a qual ele só encontra justificativa na infância. Ali, longe da ideologia burguesa, ainda era possível experimentar algo verdadeiramente agradável, só que o homem capaz de experimentá-lo já não existia: existia outro Ivan Ilitch, que transformara aquelas antigas alegrias, aquela antiga sensação de vida verdadeira em algo

fútil e amiúde abjeto. Ele passa em revista toda sua vida, e constata que quanto mais vivia mais ia sendo arrastado pelo ramerrão, por um ciclo de morte centrado na família, no trabalho, no dinheiro, na opinião pública:

O casamento... tão acidental, e a decepção, e o cheiro saído da boca da mulher... e o fingimento! E aquele serviço morto, e aquelas preocupações com dinheiro, e assim um, dois, dez, vinte anos a fio -, e tudo a mesma coisa. E quanto mais o tempo passava mais morto ia ficando. Era como se eu caminhasse de modo uniforme por uma montanha, imaginando que a subia. E era isso. Na opinião pública eu subia a montanha, mas tanto quanto a vida me fugia sob os pés... (Tolstói, 1974, p. 132).

Contudo, ainda não consegue aceitar a morte, não vê motivo plausível que a justifique, porque não tirou todas as conclusões de que sua vida foi inútil e não pode morrer com a sensação de mentira. Sua maior dor não é a dor física, a despeito de todos os gemidos que provoca, mas a dor moral. Precisa descobrir sua verdade para superar essa dor. E então constata que o trabalho, o modo de vida, a família, os interesses da sociedade e do serviço formam um único sistema inútil e indefensável. E que, neste, toda a sua vida consciente fora inútil. Antecipando o Paulo Honório de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, foi a profissão que lhe esterilizou a vida e a fez ruim.

Essa descoberta é essencial, mas ainda lhe falta uma coisa: superar a concepção de morte banalizada em seu meio, em sua cultura, onde ela é reduzida a um desagradável acaso, a algo indecente que só provoca dor e pavor. Desde que tomou consciência da gravidade da doença começou sua luta contra todos ao redor pelo direito à morte, mas só depois de superar aquela concepção idiota e concluir que a morte é a consequência mais natural do viver, que só depois de se sentir bem consigo mesmo, de reencontrar sua real essência humana e superar a dor e o pavor da morte é que conquista sua própria concepção de morte e consegue morrer. Tem sua própria morte, sem afeição macabra, natural, totalmente contrária à outra morte concebida em seu meio. Daí a razão do título deste ensaio.

Atualidade chocante

O tema da morte como tema filosófico é tão importante em *A morte de Ivan Ilitch* que a vida da personagem ocupa apenas dois capítulos entre os doze e quatorze páginas entre as cinquenta e quatro que compõem a novela. Se compararmos o consumismo desenfreado e alienante

de nossos dias, o apego de nossos magistrados às formalidades frias e burocráticas da lei, a relação da medicina com o paciente como simples cobaia ou objeto de lucro, pois bem, se compararmos tudo isso com a representação desses mesmos temas na novela de Tolstói, não poderemos nos furtar a uma constatação: a novela é de uma atualidade chocante.

Referências bibliográficas

Guriêvitch, Aaron. *A síntese histórica e a Escola dos Anais*. Tradução de Paulo Bezerra, São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

Marcuse, Herbert. *Eros e civilização*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, 7ª edição.

Tolstói, L. *Smiert Ivana Ilitchá* (A morte de Ivan Ilitch). Moscou: Ed. Khudójestvennaya Literatura, 1974.

